

SLAM SURDO E VISUAL VERNACULAR NO *CONTINUUM* DE POEMAS-PERFORMANCES: ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS EM LITERATURA SINALIZADA

João Paulo da Silva Nascimento¹

Nicolle da Silva Limeira²

Joice Muniz Santos de Oliveira³

RESUMO: O artigo discute os procedimentos estéticos presentes no poema-performance *Voz*, das artistas Catharine Moreira e Amanda de Lima, com foco na inter-relação entre os gêneros artísticos Poesia Visual Vernacular (VV) e Slam Surdo. Longe de entendê-los como manifestações estanques, o estudo propõe a leitura desses gêneros em um continuum de poemas-performances em línguas de sinais, observando seus entrelaçamentos formais e expressivos. A partir da perspectiva da Literatura Surda enquanto expressão legítima da literatura brasileira contemporânea (cf. ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021), investiga-se de que modo elementos como repetição, ritmo e rima, conforme proposto por Sutton-Spence (2021), atuam na construção de sentido nas performances sinalizadas. A análise destaca a centralidade da expressividade facial e corporal, além de fatores ligados ao movimento e à velocidade na recepção estética da obra. Ao propor uma leitura atenta da performance em questão, o estudo reafirma a complexidade técnica e o valor sociocultural da Literatura Surda, defendendo a ampliação de sua visibilidade e de sua inserção no campo científico e artístico.

Palavras-chave: Literatura em Libras. Catharine Moreira. Amanda de Lima. Poemas-Performance.

DEAF SLAM AND VISUAL VERNACULAR IN THE CONTINUUM OF POEM-PERFORMANCES: AN ANALYSIS OF AESTHETIC PROCEDURES IN SIGNED LITERATURE

ABSTRACT: This article discusses the aesthetic procedures present in the performance-poem *Voz*, by artists Catharine Moreira and Amanda de Lima, focusing on the interrelation between the artistic genres Visual Vernacular (VV) Poetry and Deaf Slam. Rather than understanding them as isolated manifestations, the study proposes reading these genres within a continuum of performance-poems in sign languages, observing their formal and expressive intertwinings. From the perspective of Deaf literature as a legitimate expression of contemporary Brazilian literature (cf. ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021), the investigation examines how elements such as repetition, rhythm, and rhyme, as proposed by

¹ Professor Adjunto do Departamento de Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8392-4265>. E-mail: jpn0401@gmail.com.

² Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Graduanda de Letras-Libras (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4387-4504>. E-mail: nicollelimeira21@gmail.com.

³ Pós-graduanda (*lato sensu* - especialização) em Libras: ensino, tradução e interpretação (UFRJ) Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7492-9565>. E-mail: joicemunizsantos@yahoo.com.br.

Sutton-Spence (2021), contribute to meaning-making in signed performances. The analysis highlights the centrality of facial and bodily expressiveness, as well as factors related to movement and speed, in the aesthetic reception of the work. By proposing a close reading of the performance in question, the study reaffirms the technical complexity and sociocultural value of Deaf literature, advocating for the expansion of its visibility and its inclusion within both scientific and artistic fields.

Keywords: Literature in Brazilian Sign Language. Catharine Moreira. Amanda de Lima. poem-performances.

Introdução

As pesquisas que envolvem a Literatura Surda ainda são muito escassas no âmbito científico, apesar de haver alguns trabalhos em circulação principalmente no campo dos Estudos da Tradução (LEMOS, 2022). Muitas perguntas, até o momento, não possuem respostas, ou sequer foram ainda levantadas (NASCIMENTO *et al.*, 2025). Neste campo, sobretudo no contemporâneo, vem chamando atenção o entendimento da Poesia Visual Vernacular (VV) e do Slam Surdo como expressões artísticas independentes (ARAÚJO, 2023). Contudo, em relação a este debate, notamos certo entrelaço nas duas maneiras de materializar performances em línguas de sinais. Desta feita, neste trabalho, voltamos nosso olhar aos procedimentos estéticos, sobretudo no que se refere à presença de marcas da VV no Slam surdo *Voz*, das artistas Catharine Moreira e Amanda de Lima.

Ao analisarmos a performance em tela, observamos como os elementos rítmicos compõem a obra e agregam na construção de sentido, através das considerações sobre as categorias de repetição, ritmo e rima propostas por Sutton-Spence (2021). Estes são fatores imprescindíveis nas produções literárias em línguas de sinais, uma vez que diferentes estratégias podem ser utilizadas na construção de poemas sinalizados, independentes do gênero, pois as expressões faciais e corporais, o movimento, a velocidade, entre outros, influenciam a maneira que o público recebe a mensagem passada. Além disso, nesse escopo, ressaltamos também as questões sobre contemporaneidade nos movimentos artísticos surdos, trazendo para a discussão a reafirmação de pertencimento da Literatura Surda na literatura brasileira contemporânea, como propõem Araújo e Nascimento (2021).

Com efeito, o presente trabalho propõe analisar a performance supracitada, observando uma possível presença da VV no Slam Surdo, a fim de discutir a ideia de que a Literatura Surda vai muito além da sinalização, dado que discussões técnicas e sociais estão por trás de cada produção literária. Visamos, assim, a divulgação e o alcance de mais pessoas para esta área do

conhecimento, de modo que mais pesquisas sejam desenvolvidas e compartilhadas na comunidade e fora dela. Para tal, o artigo se divide em duas seções: na primeira, procedemos a discussões teóricas sobre os gêneros Slam Surdo e Poesia VV, bem como sobre a análise de categorias formais, como ritmo, em poemas-performances e o contexto contemporâneo; na segunda, tomando por base a obra supracitada, empreendemos um gesto de leitura tentando uma reflexão sobre os procedimentos estéticos em literatura sinalizada.

Perspectivas teóricas

Segundo D’Alva (2011), o Slam Surdo se origina do *poetry slam*, movimento que surgiu nos Estados Unidos, na década de 80, com o poeta Mark Kelly Smith. Originalmente, trata-se de uma espécie de disputa performática de poesia falada, em que os poetas recitam suas obras ao vivo diante do público e de jurados. Assim,

(...) poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo (D’ALVA, 2011, p. 120).

O Slam vai além de uma disputa: é um movimento de resistência, já que suas temáticas geram nos espectadores uma reflexão sociopolítica, trazendo questões como desigualdades sociais, racismo, feminismo, preconceitos contra pessoas LGBTQIAPN+, entre outros (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021). Desse modo, grupos vistos como minorias na estrutura da sociedade dominante, através da atuação performática do Slam, que coloca suas potencialidades no uso da oralidade e do corpo por meio do ritmo, encontram um terreno de denúncia.

No que diz respeito à Literatura Surda, o Slam do Corpo foi o primeiro grupo criado pelo Corpo Sinalizante⁴ no Brasil, contando com poetas surdos e ouvintes que se apresentavam tanto em Libras quanto em Português. Nestas obras poéticas, são abordadas pautas inerentes à

⁴ O Corpo Sinalizante é um grupo brasileiro de Slam Surdo que reúne artistas surdos e ouvintes interessados na produção e performance de poemas em língua de sinais e que promove a valorização da Literatura Surda, a visibilidade da Libras e o debate sobre identidade e cultura surda no contexto urbano contemporâneo.

comunidade surda, tais como a denúncia ao ouvintismo⁵ estruturante e estrutural (NASCIMENTO *et al.*, 2024; 2025). Os grupos se apresentam em dois momentos: o primeiro, chamado de “corpo aberto”, quando as poesias podem ser realizadas por qualquer membro e podem ser expostas de maneira livre, tanto em Libras quanto em português falado; o segundo, chamado de “batalha”, mantém os fundamentos dos slams clássicos: os poemas precisam ser inéditos, com um limite de três minutos, criados por uma dupla composta por uma pessoa surda e outra ouvinte, conforme destacam Araújo e Nascimento (2021).

A partir de autores como Araújo e Nascimento (2021), Nascimento *et al.* (2024; 2025) e Abrahão (2020), entendemos que o Slam Surdo integra o que chamamos de Literatura Surda, mesmo ainda não havendo muitas pesquisas sobre esse tema. Dessa forma, este movimento poético e performático rompe com as normas convencionais que limitam a arte literária apenas à linguagem escrita ou falada, na medida em que coloca o corpo que sinaliza no centro da criação estética e discursiva. Nesse sentido, o Slam Surdo tem exercido uma função importante, especialmente por trazer visibilidade para as línguas de sinais em contextos artísticos, propagando e fortalecendo as culturas surdas e funcionando como uma expressão artística com papel de resistência cultural nestas comunidades minorizadas⁶. Posicionando o surdo como protagonista das suas narrativas, por meio da apresentação em Libras, o Slam Surdo destaca o potencial poético, expressivo, visual e estético da língua de sinais, reafirmando sua complexidade gramatical e seu significado simbólico e cultural.

Por intermédio da expressão corporal e das expressões faciais, o Slam Surdo demonstra as potencialidades artísticas da Libras, colaborando com a criação de uma literatura visual que

⁵ O conceito de *ouvintismo*, criado por Skliar (1998), ocupa lugar central nos estudos surdos por designar o conjunto de práticas, discursos e ideologias que, ao longo da história, submeteram as pessoas surdas a uma lógica centrada na experiência ouvinte. Trata-se de um paradigma que naturaliza a audição como norma e considera a surdez como deficiência a ser corrigida, justificando políticas de exclusão linguística e cultural, como a interdição da língua de sinais e a imposição da oralização. Nesse sentido, o ouvintismo não se restringe a práticas pedagógicas ou médicas, mas atravessa dimensões sociais, políticas e epistêmicas, moldando formas de controle e de representação da comunidade surda. De acordo com Nascimento, Baalbaki e Anachoreta (2025), as ideologias ouvintistas são ainda bastante presentes em nossa sociedade, de modo que a crítica a esse conceito, desenvolvida nos estudos surdos, busca evidenciar como ele reforça desigualdades e apagamentos, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de reconhecer as línguas de sinais e as culturas surdas como legítimas, contribuindo para a construção de perspectivas emancipatórias e bilíngues na educação e na pesquisa.

⁶ A categorização das comunidades surdas como comunidades minorizadas justifica-se pelo fato de que, historicamente, elas têm sido submetidas a processos de marginalização linguística, cultural e social, decorrentes da imposição da norma ouvinte como parâmetro dominante (ver o artigo de Nascimento, 2025, publicado neste mesmo dossiê). Essa condição de minorização não se refere ao número absoluto de indivíduos surdos, mas à posição de subalternidade a que são relegados quando suas práticas linguísticas e suas formas culturais são invisibilizadas ou deslegitimadas. Reconhecer as comunidades surdas como minorizadas, portanto, é fundamental para evidenciar as relações de poder que produzem exclusão e para reivindicar políticas linguísticas e educacionais que garantam o direito às línguas de sinais, à cultura surda e à plena participação social.

se destaca pela corporeidade e pela interação com o ambiente. Este estilo de poesia não somente exalta a língua de sinais, mas também provoca uma reflexão sobre a “colonização” histórica da cultura surda nos âmbitos artísticos e educacionais, já que vivemos em uma sociedade em que a valorização da audição/oralidade está frequentemente acima de quem não se encaixa neste padrão. Por isso, o Slam Surdo se torna uma ferramenta de resistência, desafiando o modelo capacitista que, historicamente, afastou os surdos das práticas culturais e literárias tradicionais. Ademais, o movimento tem reforçado o senso de pertencimento e identidade entre jovens surdos, ao possibilitar que se vejam como indivíduos culturais e políticos.

De acordo com Sutton-Spence (2021), o Slam Surdo é uma produção literária que não perpassa por uma tradução, mas sim uma obra original da língua de sinais. Portanto, precisa estar ocupando todos os espaços da sociedade e não apenas a academia. Neste tipo de literatura, quando o palco é compartilhado entre surdos e ouvintes, não há um poeta principal: ambos têm a mesma importância, ou seja, são coautores da obra. Ainda assim, no Slam Surdo, são valorizadas as comunidades surdas e suas particularidades, refletindo as vivências e a visão de mundo dos surdos que são distintas das dos ouvintes. O Slam Surdo ocupa espaços públicos, culturais e educativos com a arte em Libras, enriquecendo o reconhecimento social da língua de sinais e contribuindo na formação de uma cultura surda que é respeitada e está em contínua mudança.

Outro gênero que merece destaque neste trabalho é a poesia Visual Vernacular, abordada por Ramos e Abrahão (2018) como uma expressão da Literatura Surda. Os autores apontam que a VV, tanto na visão dos norte-americanos, quanto na dos brasileiros, surge mediante a contação de filmes aos quais alguns surdos assistiram no cinema. Por terem um poder aquisitivo maior que os outros de seu convívio, tinham esse acesso cultural e contavam o enredo do filme utilizando, principalmente, classificadores⁷. No Brasil, a popularização da VV aconteceu na década de 50, através dos alunos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Contudo, sua consolidação como arte “sintetizada”, como é citada pelos autores, acontece através de Bernard Bragg, ator membro do Teatro Nacional do Surdo, nos EUA. Motivado por suas aulas de mímica com Marcel Marceau em Paris, Bragg criou uma abordagem singular que combinava elementos da língua de sinais com táticas visuais e cinematográficas. Para o ator, a VV conta com uma estética única e diferente da mímica, embora incorpore alguns elementos dela em sua

⁷ Em línguas de sinais, classificadores são morfemas manuais que representam classes de entidades e permitem descrever visualmente suas formas, movimentos e relações no espaço.

estrutura. De acordo com ele, porém, a VV não deve ser reduzida à mímica, pois se define como uma forma de narrativa baseada na expressividade visual e nos movimentos.

A VV faz parte da Literatura Surda contemporânea, sendo uma produção artística performática que utiliza as línguas de sinais para se expressar. Nas suas construções, poucos sinais são usados, muitas vezes nenhum: usam-se apenas classificadores, incorporação e estratégias de elementos de dança, do teatro e da mímica. Está relacionada totalmente com as culturas surdas, rompendo com a ideia tradicional de literatura escrita e apresentando características estéticas relacionadas à narrativa visual. Desse modo,

[...] Como a VV está ligada intrinsecamente às identidades e às culturas surdas, seu estudo é uma forma de valorizá-las como construtoras de arquiteturas estéticas experimentais, mas que interessam também a qualquer um que manifeste interesse sobre formas alternativas na arte literária contemporânea, pela chave de seu entendimento como plural, instável e aberta a experimentações (Ramos; Abrahão, 2018, p. 63).

Na concepção de Ramos e Abrahão (2018), a VV é fundamental para as culturas surdas, pois vai além de uma técnica artística e funciona como expressão autêntica das formas de ser, viver e se comunicar da comunidade surda, tendo em vista que surge da experiência dos surdos com a língua de sinais. Ao explorar e incentivar a VV, estamos confirmando e apreciando a capacidade criativa das comunidades surdas que elaboram expressões artísticas originais, diferenciadas do formato convencional (como a literatura escrita), às quais Ramos e Abrahão se referem como arquiteturas estéticas inovadoras, ou seja, novas e audaciosas abordagens para a criação artística.

Além disso, Ramos e Abrahão (2018) destacam que a VV não está restrita apenas aos indivíduos que pesquisam ou pertencem à cultura surda. Ela também atrai o interesse de pessoas que desejam compreender e explorar novas perspectivas na literatura e nas artes contemporâneas, especialmente aquelas que se afastam do convencional. Destacam que a VV deve ser vista como uma forma de arte diversa, em constante evolução e que procura continuamente novas formas de se expressar, sendo receptiva a diferentes vivências. Essa característica a define como uma representação típica da arte contemporânea, que aprecia a pluralidade e a fusão estética.

Dessa forma, a VV evidencia a eficácia presente nas comunidades surdas a respeito das criações e expressões artísticas singulares, transformando assim o conceito de literatura ao se afastar do tradicional e representando um fenômeno estético que evidencia a variedade e a

dinâmica da arte contemporânea, ao mesmo tempo em que reforça as identidades culturais surdas. Por isso, a VV demanda um estudo acadêmico mais aprofundado e mais amplo das artes e das literaturas.

Além da especificação do Slam Surdo e da poesia VV, para o contexto deste trabalho, destaca-se como igualmente relevante o conceito de ritmo. Primeiramente, para começarmos a falar sobre este atributo caro à análise poética, devemos compreender o seu papel na Literatura Surda. Segundo Sutton-Spence (2021, p. 185), “(...) um dos principais efeitos da repetição na literatura em Libras é o de destacar a linguagem, colocá-la no primeiro plano”. A autora explica como a repetição de sinais, estruturas e parâmetros visuais na literatura em Libras são usadas para criar efeitos estéticos, simbólicos e rítmicos. Em sua visão, esses recursos ajudam a tornar a linguagem mais visível e expressiva, na medida em que criam ritmo visual, rimas sinalizadas e impacto poético.

Em Sutton-Spence (2021), são analisados diversos poemas em Libras que mostram como a repetição enriquece a forma, o conteúdo e o prazer de quem assiste às obras. As repetições constroem o ritmo na literatura em línguas de sinais e esses elementos compõem a obra, contribuindo na construção de sentido. O ritmo precisa ser usado cuidadosa e estrategicamente, pois repetir o mesmo elemento pode causar tédio nos espectadores. O intuito das repetições é gerar outros efeitos, enfatizar a mensagem que deseja ser passada, gerar tensão, comicidade, equilíbrio etc.

A repetição é uma técnica bastante comum na literatura em Libras, especialmente em poemas, a qual ajuda a criar o ritmo da apresentação. Ela pode acontecer em diferentes partes do texto: no começo, no final ou até de forma mais aleatória, trazendo variedade e movimento à estrutura da mensagem. Existem diferentes tipos de repetição, tais como a repetição de um sinal; a repetição de uma frase; a repetição gramatical e a repetição dos elementos internos dos sinais. Todos esses tipos são diferentes estratégias de usar o recurso da repetição na construção da obra sinalizada/performada, de modo que o autor/performer deve avaliar qual opção melhor se encaixa na produção do sentido literário que deseja alcançar. Os elementos rítmicos são utilizados estrategicamente para a criação do significado do poema e eles podem ser organizados no espaço ou no tempo. Além disso, é construído a partir da velocidade/duração ou da ênfase do movimento. Por essa razão, a repetição é um fator recorrente nas literaturas em línguas de sinais, pois é com ela que os ritmos visuais das poesias são moldados. Com efeito, o ritmo torna-se responsável por criar os sentidos que vão além da produção dos sinais.

Tais reflexões se atrelam à noção de contemporaneidade. A literatura contemporânea tem como principal objeto de estudo os temas abordados nas obras emergentes na atualidade (Azevedo, 2008; Resende, 2017). O contemporâneo pode ser entendido como a forma de expressão literária que abrange, em suas produções, assuntos que reverberam na sociedade atual. Na teoria, o contemporâneo diverge e se afasta do tradicional, explorando diferentes formas de expressões, temas e problemáticas presentes no meio social, como diversidade, identidade, preconceitos etc. Nesse sentido, podemos referendar que a literatura contemporânea é a divisa entre o passado e o futuro. De acordo com Agamben (2009, p. 59),

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Contudo, na prática, não encontramos nas literaturas todas as problemáticas que de fato existem na sociedade. Quando olhamos de uma perspectiva literária, os debates presentes nas expressões artísticas das comunidades surdas por vezes se situam à margem do que se considera literatura contemporânea, academicamente falando. O cenário, na verdade, é destoante: as problemáticas que envolvem as vivências surdas não entram em questão; as produções literárias de autoria de pessoas surdas são deixadas de lado; as obras que expõem a visão de mundo do indivíduo surdo são ignoradas, e assim por diante.

Com efeito, as narrativas contemporâneas carregam papel crucial para mudar tais falácias, uma vez que, na literatura contemporânea, o narrador é descentrado, contra a exclusão social, política e econômica. Isso é importante para registrar as mazelas presentes na sociedade, a fim de que gerações futuras não repitam as mesmas ações. Além disso, deixa marcada a verdade, não permitindo a criação de mentiras a respeito de certos eventos narrados. E através disso, a memória social pode ser construída sem ser modificada ou apagada. A respeito das literaturas em línguas de sinais, atualmente, com o avanço da tecnologia, está mais fácil registrar as criações literárias surdas. Os narradores dessas literaturas têm papel fundamental de mostrar que as discussões da comunidade surda existem. Além disso, os temas não se restringem apenas à surdez, mas também acompanham a perspectiva da pessoa surda vivendo em sociedade, envolvidas em outras minorias sociais.

Pensando pelo viés contemporâneo, entendemos que as culturas e identidades surdas são plurais, vão além da surdez. Dentro das comunidades surdas, há diversidade, de modo que é preciso olhar para a pessoa surda com uma perspectiva social, pois, além de surda, seu corpo pode confluir outras identidades interseccionais. Romper com os paradigmas essencialistas, portanto, é justamente entender que ser surdo não se resume apenas à condição linguística, mas vai além: uma mulher surda, negra e periférica com certeza irá viver experiências muito diferentes de um homem surdo, branco e de classe social elevada, por exemplo.

A pluralidade social dentro da comunidade fica evidente quando analisamos os indivíduos por essa perspectiva, e os construtos teóricos do contemporâneo nos ajudam a compreender ainda mais esse debate na sociedade atual, bem como a entender os erros cometidos no passado. Agora que compreendemos alguns conceitos necessários, seguiremos para a análise do poema-performance *Voz*, de Catharine Moreira e Amanda de Lima, objeto de estudo deste trabalho.

O poema-performance no *continuum* Slam Surdo ↔ Poesia VV

Nesta seção, tecemos um gesto de leitura de um poema-performance, a fim de demonstrar os procedimentos estéticos na perspectiva do *continuum* entre Slam Surdo e Poesia VV. A obra escolhida para ser analisada foi o slam surdo *Voz*, apresentado pelas artistas Catharine Moreira e Amanda de Lima. Ambas fazem parte do grupo Slam do Corpo, transmitido pelo programa Manos e Minas. Este Slam evidencia os conflitos que a comunidade surda enfrenta no seu cotidiano, a desvalorização da sua língua e a repressão quando sinalizam, tendo sua identidade surda marginalizada (Nascimento *et al.*, 2025).

Figura 1: Registro da performance



Fonte: Youtube.

Figura 2: QR Code para acesso à performance



Fonte: Produção própria

Antes de tudo, é importante conhecer a história da *slammer* surda Catharine Moreira. De acordo com Nascimento *et al.* (2025), a poeta nasceu surda em uma família de ouvintes e durante toda sua vida lutou por seus direitos linguísticos e sociais. Atriz, poeta e dançarina, a arte sempre esteve presente em sua vida e, por conseguinte, virou parte de sua voz, muitas vezes silenciada. Afinal, sua língua de sinais ainda é menosprezada pelos ditames de uma sociedade ouvintista. Com efeito, temas sobre políticas públicas, sociais e linguísticas são frequentemente abordados nas produções da artista.

Este Slam inclui características significativas deste gênero literário, como uma performance em Libras, bem como a colaboração de um artista surdo e um ouvinte em sua criação e apresentação (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2024; 2025). A obra discute as questões sociais e os preconceitos linguísticos enfrentados pela comunidade surda, destacando a opressão linguística e a desvalorização da identidade surda, representada por Catharine, que sofre repressão por se comunicar em Libras, sua língua materna.

As poetas abordam esse tema tão importante, principalmente para Catharine Moreira, que evidencia a sua experiência como surda, tendo sua língua e suas características desvalorizadas por um grupo majoritário que se considera detentor de superioridade em relação a uma minoria. Ao empregar a Libras, utilizam-se também os classificadores, as expressões corporais e faciais neste contexto estético. Essa obra visa articular uma reivindicação e resistência a um preconceito linguístico que se perpetua, ao mesmo tempo em que destaca a luta pela valorização do direito linguístico de uma comunidade marginalizada.

À vista de seu tom, as características presentes na performance a enquadram como uma apresentação de Slam, pois esta produção traz questões de uma minoria e suas peculiaridades sociais, políticas, linguísticas, entre outras (cf. ARAÚJO; NASCIMENTO, 2021). Além disso, pode ser interpretado como uma competição de rimas, embora se destaque pelas línguas utilizadas: o português falado e a Libras. Catharine se manifesta por meio de um discurso reivindicativo, desafiando as expectativas sociais e recusando a ideia de que deve se adequar para ser aceita, afirmando, assim, sua identidade surda. A poeta não aceita que a Libras seja vista como uma “anormalidade”, deixando claro que a sua comunicação será através da sua língua e não vai mais aceitar a opressão linguística que sofre por meio da família e da sociedade.

Ao analisarmos essa performance, levantamos a seguinte indagação: é possível que o Slam Surdo e a VV estejam presentes nesta obra, no que se refere aos seus procedimentos estéticos? Para abordar a questão, pontuamos dois momentos que aparecem na performance *Voz*: o primeiro sobre a mímica e o segundo sobre a incorporação, característica da VV. Vejamos abaixo:

Figura 3. Mímica (0:11 a 0:13)



Fonte: Youtube.

Figura 4. Classificador/incorporação (0:20 a 0:22)



Fonte: Youtube.

Ramos e Abrahão (2018) destacam que na VV os artistas utilizam, na construção das obras literárias as expressões faciais/corporais, poucos sinais padronizados, sinais classificadores, incorporações e também a mímica. Ao analisar o Slam surdo em tela, nos deparamos com o que acreditamos ser características da VV, consoante a proposta de Ramos e

Abraão (2018), pois as artistas utilizam da mímica como estratégia na composição da obra, quando cita “cresceu muda numa sociedade de cegos”.

Outras características bem marcantes na performance são os classificadores e a incorporação, que aparecem na apresentação. Ocorre quando a artista Catharine usa o corpo para marcar o sinal de CASA/LAR: “vivía encarcerada numa cela que chamavam lar”. As artistas utilizam estas estratégias, pois, por meio delas, é possível a criação de narrativas visuais complexas, deixando a apresentação mais interessante aos espectadores. O classificador e a incorporação neste trecho da performance traz vida e coloca o corpo em sua totalidade na cena, trazendo uma construção estética à obra literária.

Ao analisar a performance à luz das teorias abordadas neste artigo, acreditamos que uma mesma obra literária sinalizada pode ter características tanto do Slam Surdo quanto da Poesia VV. Como notamos, os classificadores, a incorporação e a mímica estão presentes no Slam Surdo *Voz*; são usados como estratégias para ressaltar e reforçar a expressividade, deixando a narrativa mais clara para que os espectadores, surdos ou ouvintes, entendam, apreciem e valorizem as obras produzidas em línguas de sinais.

Partindo para uma análise formal, a partir de Sutton-Spence (2021), podemos observar como a construção do ritmo se desenvolve no decorrer da performance. No começo da performance, encontramos um ritmo calmo: um relato está sendo contado. Até os 0:23s, as artistas seguem um padrão de repetição, ambas produzem os mesmos sinais, em paralelismo. Conforme o relato se constrói, ao expor os preconceitos vividos por Catharine, a velocidade da sinalização da poeta surda e da entonação de voz de Amanda de Lima se intensificam, também de modo harmônico. É importante ressaltar que a performance é construída pelas duas artistas, ou seja, o português e a Libras fazem parte da estética performática, de modo que uma língua não se sobrepõe à outra. O ritmo acompanha o desenrolar da história e oscila de acordo com a mensagem passada. No primeiro minuto observamos uma sequência de repetições, o verso “abra a boca e fala” é repetido por cinco vezes: *“Você abre a sua boca e fala. Abra a boca e fala. Não, você não usa sua mão. Abra a boca, lê a minha boca, aqui ó. Abra a boca e fala! Abra essa boca e fala!”*. Podemos entender essa estratégia como a forma que as poetisas trouxeram de denunciar os abusos sofridos pelas pessoas surdas, uma tentativa de internalizar nos espectadores o cansaço que os surdos carregam.

Em vista disso, podemos entender que o Slam Surdo *Voz* se insere com força no *continuum* dos poemas-performances ao articular a expressividade da poesia sinalizada com os elementos rítmicos e políticos do Slam. Em sua performance, Catharine Moreira e Amanda de

Lima mobilizam recursos estéticos próprios da Libras, como classificadores, expressões faciais, uso do olhar e modulações de ritmo e espaço, para construir uma poética visual-espacial que transcende a linguagem como meio e transforma o corpo em suporte artístico e discursivo. O resultado é uma obra em que forma e conteúdo se entrelaçam para afirmar a experiência surda como estética, subjetividade e resistência.

Ao integrar procedimentos da Poesia VV com a força contestatória do Slam, Moreira e Lima atualizam o gesto performativo em língua de sinais com densidade crítica e sensibilidade artística. Em outros termos, sua performance não é apenas expressão de identidade, mas construção de sentidos através de uma linguagem que é simultaneamente corpo, imagem e discurso. Assim, o Slam surdo não se limita a adaptar um gênero oral para o modo visual, mas o reinventa a partir da experiência e da corporalidade surda. Essa poética sinalizada situa-se, então, em um campo híbrido, que atravessa práticas da literatura visual, da performance política e da arte contemporânea. Por isso, a perspectiva instigante do *continuum*: o poema performado por Moreira e Lima revela uma apropriação criativa dos recursos da Libras para fins artísticos, sem diluir seu potencial crítico, tendo em vista que o uso do corpo como veículo semiótico, a manipulação rítmica do espaço e a carga simbólica da gestualidade conferem a *Voz* uma potência estética que inscreve a literatura sinalizada em um campo ampliado, onde a arte se faz linguagem, e a linguagem, arte de existir e resistir.

O ápice da produção ocorre nos 1m15s, com a expressão em português e em Libras da palavra “chega!”. Neste momento, a intensidade dos movimentos atinge outro nível, nos passando a sensação de raiva, de uma luta por direitos que parece incessante. É nessa hora, em que a voz de Catharine é ouvida, que Amanda ganha o papel de intérprete, para que a poeta surda faça sua denúncia. Podemos perceber que o ritmo é construído em decorrência da intenção do poeta, as repetições são utilizadas de forma estratégica, a junção do conteúdo da performance, com os elementos rítmicos constroem o sentido da produção literária.

O slam *Voz* possui uma temática atual, pois a pauta dos direitos surdos é um assunto que constantemente reverbera na sociedade. Ainda não é um debate discutido pela maioria, mas, aos poucos, vem ganhando força socialmente. A denúncia que Catharine traz em sua performance é algo que, em um passado não muito distante, não poderia sequer ser comentado, muito menos se transformar em arte. Inclusive, o termo ‘Literatura Surda’ nem mesmo entrava em discussão, por isso, devemos considerá-lo contemporâneo. A Literatura Surda encontra-se no meio de um passado de muita exclusão, um presente que luta pelo reconhecimento e um árduo trabalho de mudar essa realidade no futuro. Daí podermos compreender, pelas palavras

de Agamben (2009, p. 69), que “de fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”.

Esse meio termo entre passado-presente-futuro é a literatura contemporânea. O olhar para as temáticas passadas, a luta para que não se repitam e a exposição das problemáticas sociais são fortes marcas do contemporâneo. E, como demonstra a performance *Voz* em sua confluência de procedimentos estéticos ora mais voltados ao Slam Surdo, ora à Poesia VV, a Literatura Surda carrega todos esses pré-requisitos, apesar de ainda não ter recebido o prestígio social necessário na área acadêmica.

Considerações finais

Diante do que foi debatido, através da expressão artística que aborda tantas questões da contemporaneidade, da resistência e reivindicações sociopolíticas de uma minoria, não há a possibilidade de dizer que a Literatura Surda não faz parte da Literatura Brasileira Contemporânea (Araújo; Nascimento, 2021). Os temas abordados neste artigo debatem questões sociopolíticas presentes nas obras artísticas produzidas por surdos, tomando como norte de análise a questão dos procedimentos estéticos em *continuum* na obra *Voz*, de Catharine Moreira e Amanda Lima. Enaltecendo a Libras, e também as culturas e identidades de uma comunidade, as produções próprias de pessoas surdas fazem com que outros surdos se orgulhem da sua vivência, apesar dos desafios historicamente enfrentados.

Em *Voz*, performance de Catharine Moreira e Amanda de Lima, notamos a interação entre o Slam Surdo e a VV, duas expressões artísticas singulares na Literatura Surda sinalizada. Observamos as estratégias de elementos rítmicos, que deixam a obra literária mais sofisticada (Sutton-Spence, 2021). A análise revelou que recursos típicos do VV, a exemplo de classificadores, expressões faciais e personificação, foram empregados de forma pensada para enriquecer a mensagem e facilitar o entendimento da história narrada, sem perder de vista que o Slam Surdo é uma performance artística que rompe com a barreira linguística em uma sociedade de maioria de ouvintes (Nascimento *et al.*, 2024; 2025).

O Slam Surdo e a VV certificam a expressividade, tanto na arte quanto na contestação social, trazendo protagonismo para a Libras. Ao destacarem o corpo que utiliza na elaboração de obras literárias e artísticas, tais gêneros literários confrontam os padrões clássicos que se baseiam na fala e na escrita. E também, ao inserir elementos característicos da VV, aumentam-

se as chances de narrativas e intensifica-se o aspecto visual, cinético e de atuação da produção literária surda da atualidade, caracterizada por hibridismos estéticos, isto é, combinações de elementos formais e expressivos oriundos de diferentes gêneros ou tradições artísticas dentro de uma obra. Em literatura, como demonstrado na análise da performance *Voz*, este conceito permite a coexistência de múltiplas vozes, estilos ou mídias, valorizando a experimentação e a negociação entre convenções literárias diversas.

Ressalta-se, por fim, que mediante a pesquisa bibliográfica e análise da performance *Voz*, realizada neste artigo, demonstramos a conexão das manifestações artísticas surdas, visando ao impulsionamento de novas maneiras de resistir culturalmente, consolidar a identidade e desenvolver a estética. Destacamos a importância de haver mais pesquisas, não só sobre o Slam Surdo e a Poesia VV, mas também na totalidade da Literatura Surda e seus impactos em todos os âmbitos da sociedade contemporânea.

Referências

ABRAHÃO, B. F. Slam: Poesia Contemporânea em Línguas de Sinais e suas influências na Sociedade. *Revista Espaço*, p. 37-50, 2020.

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009.

ARAÚJO, D. R. *Autorrepresentações e afirmações identitárias em Le cri de la mouette (1994), de Emmanuelle Laborit: um olhar intimista sobre a condição surda*. 2023. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

ARAÚJO, D. R.; NASCIMENTO, J. P. S. Slam Surdo: Expressão Contemporânea da Literatura Brasileira? *E-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 12, n. 1, p. 1-18, Nilópolis, jan./jun. 2021.

AZEVEDO, L. A. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 10, n. 12, p. 31-50, 2008.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, 2011.

LEMONS, G. S. Panorama bibliográfico de pesquisas brasileiras de tradução de poesias de Português/Libras/Português de 2007 a 2020: levantamento de categorias e etapas de tradução. In: MACHADO, L. F. B. (Org.). *Letras e educação: encontros e inovações*. v. 1. 1. ed. São Paulo: Editora Dialética, 2022. p. 183-230.

NASCIMENTO, J. P. S.; BAALBAKI, A. C. F.; ANACHORETA, V. G. T. Discursos e ideologias sobre o sujeito surdo: uma análise materialista de redações do Enem (2017). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 33, n. 1, p. 7-36, 2025.

NASCIMENTO, J. P. S.; NORET JUNIOR, F. C.; SILVA, A. A.; FREITAS, J. C.; SOUSA, J. R. P. Silêncio ressonante: o slam como manifesto pela singularidade surda. *Revista Philologus*, v. 91, p. 149-161, 2025.

NASCIMENTO, J. P. S.; NORET JUNIOR, F. C.; SILVA, A. L.; MATTOS, B. O.; NASCIMENTO, D. C. D. M. Literatura contemporânea em língua de sinais: análise do poema-performance 'submergir no mundo', de Paulo Andrade. *Revista Philologus*, v. 30, p. 64-74, 2024.

RAMOS, D. C. M. P.; ABRAHÃO, B. F. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da Visual Vernacular. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 56–75, 2018.

RESENDE, B. *Poéticas do contemporâneo*. São Paulo: E-galáxia, 2017.

SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SLAM do corpo nos manos e minas: *Voz*. Slam apresentado por Catharine Moreira e Amanda de Lima (2 min 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SlamDoCorpo>.

SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em Libras*. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

Recebido em: 27/04/2025.

Aceito em: 15/09/2025.